

(IM)POSSIBILIDADES NO USO DO CINEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA – OBSERVAÇÕES SOBRE AS MOTIVAÇÕES DOS PEDIDOS DE FILMES REALIZADOS PELOS ALUNOS

Data de aceite: 01/02/2024

Mariangela de Azevedo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
– UERJ

INTRODUÇÃO

Muito antes de iniciar o mestrado, observava o comportamento dos alunos do ensino fundamental e médio durante as aulas de Geografia e até mesmo fora delas. Destaca-se que sempre trabalhei em periferias e com alunos muito carentes. Por isso, uma inquietação que me fazia questionar era o que poderia unir aprendizado escolar com práticas que pudessem contribuir na vivência cultural, social, política e econômica dos alunos. Assim, comecei observar mais a fundo, meios e os motivos de suas principais causas de desmotivação escolar. Sabia que não conseguiria todas as respostas, mas de fato esse não era o principal objetivo, queria ao menos entender o que mais faltava a estes estudantes fora da escola? Isso principalmente na escola de ensino médio em que trabalho há 15 anos,

onde poucos se interessam pelos estudos e se mostram com muito desânimo, falta de motivação, desinteresse, apatia, dificuldades no aprendizado, etc.

Nesta perspectiva, a escola tenta motivá-los oferecendo alternativas práticas e na medida do possível, divertidas e supostamente atraentes. Mas, nem assim conseguimos encontrar alunos vibrantes e engajados. Salvo poucas exceções. Nessa jornada, sigo as trilhas movida pela pergunta: “em que momento eu me incomodei?”. Pensando nos jovens como parte de um processo e não como causadores dos problemas.

Contudo, minhas inquietações aumentavam quando percebia em minhas aulas de Geografia seus anseios e cobranças por novidades e mudanças, ao mesmo tempo em que não encontrava meios que os agradassem. Me perguntava constantemente quais seriam essas desejadas mudanças? Seriam tecnológicas? Que aulas diferenciadas são essas que preciso descobrir? Com isso, testei diferentes maneiras e abordagens

durante os dias letivos ao longo destes 15 anos. Em alguns logrei êxito, porém, na maioria deles tinha muita frustração. Diante dos poucos recursos das escolas, rememorei práticas antigas com novas roupagens. Retomei o uso de filmes, desenhos, grafites, eventos, uso de novas tecnologias aliadas a outros recursos antigos que julgava “fora de moda”. Com isso, compreendi que embora os alunos sejam muito tecnológicos, as práticas manuais e rudimentares ainda surtem efeitos positivos.

Trabalho em duas escolas públicas. As duas escolas estão situadas no estado do Rio de Janeiro, na região da Baixada Fluminense. Uma escola de ensino médio e outra de ensino fundamental. Todavia, uma das coisas que percebo nos alunos, é o espaço escolar como local de sociabilidade porque preferem ficar na escola, não exatamente nas salas de aula, mas dentro do ambiente escolar. Seja no pátio, refeitório, quadra, corredor, sala de vídeo, etc. Qualquer lugar, menos na sala de aula. Porém, se só puderem ficar nas salas de aula, sendo o único lugar que os resta, ficam muito bem no espaço se não tiverem aulas, se só estiverem com os colegas ou simplesmente com seus celulares. Otimizam o tempo destinado aos estudos do seu jeito, devendo ser o mais breve possível, em que para eles o maior tempo disponível “sem fazer nada” torna-se muito importante. Com isso, percebi que o “não fazer nada” também é pedagógico porque nesses momentos eu os escuto sem pretensão e eles falam abertamente sobre suas vidas, experiências, memórias (olha a Geografia acontecendo!).

No início da pesquisa, cheguei pensar em realizar o trabalho apenas em uma escola e não em outra, também com algumas turmas e não com todas. Mas, refletindo sobre minhas práticas de aulas e das crescentes indagações que me incomodavam, percebi que o interessante é abranger as duas escolas e os alunos de maneira geral, pois meus desejos de entendimentos vêm do conjunto e não das partes. Acredito que os contextos abordados e seguidos, chegarão em pontos de partidas comuns. As causas dos problemas das duas escolas podem ser as mesmas na conclusão do trabalho. Assim, essas observações me trouxeram inúmeras experiências e me fizeram aproximar mais dos jovens. Surgiu uma relação de confiança entre mim e os jovens que mesmo sem perceber, me trouxeram novos autores e novas narrativas na tentativa de ampliar conhecimentos sobre o que eu observava no ambiente escolar. Também na promoção de mais debates e discussões em busca do entendimento das muitas indagações que fiz e faço ao longo desses anos. Contudo, as minhas inquietações sentidas enquanto professora de Geografia me trouxeram motivações, curiosidades e anseio de entendimento do cotidiano escolar. Desse modo, minha inserção no mestrado vem desses sentimentos que se misturam e me fazem perceber o quanto a Geografia é rica e pode contribuir com um olhar espacial que é temporal e social ao mesmo tempo. Por isso, minha metodologia de pesquisa permite que esta pesquisa se realize a partir das minhas práticas de observação e desenvolvimento das atividades durante as aulas de Geografia, nos desenvolvimentos de projetos ou mesmo em uma conversa casual com os discentes. Mesmo que essas dinâmicas tenham sido quase

invisíveis, inclusive para mim.

Algumas práticas de trabalhos reapareceram na construção de meu diário de campo, como uma das formas de construir esta pesquisa. Penso que o bom relacionamento entre professor-aluno mantendo o devido respeito entre ambos os lados, enriquece a convivência no ambiente escolar e fora dele. Costumo dizer que conquisto alguns alunos resistentes à Geografia e que dizem detestar a matéria e não entender nada sobre ela, a partir do momento que me aproximo deles e converso sobre seus cotidianos, do que gostam, afinidades e etc. Dessa forma, mostro a Geografia presente nesses diferentes fatos e assim, os vejo mais satisfeitos no decorrer das aulas e mais engajados. Muitas vezes ouvi alunos dizendo: “gosto de você e não da Geografia”. Confesso que essa fala muito me incomodava no início porque era como se meu trabalho não tivesse nenhum sentido. Mas, retribuía a fala do desgosto pela Geografia como um dos meus desafios de mudanças ou novo olhar que tentaria conduzir e provocar durante o ano letivo. Contudo, dizia para eles que meu desafio era também fazê-los gostar e entender um pouco mais da Geografia.

Diante dos desafios sociais onde os alunos estão inseridos, não há como fazer “vistas grossas” e promover o currículo pré-estabelecido seguindo adiante, simplesmente no interesse do cumprimento de prazos bimestrais. Acredito que o currículo deve se mover e adequar-se às realidades em que se inserem. Muitos assuntos do currículo se alongam e perpassam outros temas envolvendo situações diárias da vida escolar e fora dela.

Não dá para encerrar um conteúdo no meio do caminho, principalmente quando observamos o interesse e aprendizado dos alunos, o tempo vai além da cronologia, ele é “plástico” e para mim só faz sentido se inserido na vida de cada um dos alunos.

OBJETIVOS

O processo de pesquisa tem me trazido muitos desafios em conseguir aprofundar as experiências construídas no ambiente escolar por conta do aumento das indisciplinas, principalmente na escola de ensino fundamental. Os alunos do ensino fundamental, seguindo sua faixa etária entre 10 e 14 anos, são agitadíssimos, principalmente no 6º Ano, passo boa parte das aulas controlando intrigas, confusões e até brigas. Isso consome boa parte do tempo que tenho com eles. O problema é que não acontece uma vez ou outra, acontece em quase todas as aulas. Algumas vezes, preparo atividades de aulas participativas e lúdicas que para eles iniciarem a participação, levo um tempo de aula inteiro apenas os controlando. Por um lado, encontrar meios de participação das crianças nas aulas, contribui e ajuda na composição desse “laboratório de pesquisa” em que me insiro, onde recebo algumas respostas boas ou ruins a partir das propostas lançadas.

Contudo, a ideia não é alcançar apenas minhas expectativas e sim estabelecer relação de ensino-aprendizagem que se mostrem dinâmicos e satisfatórios para ambos os lados. Sobretudo, o desejo não é controlar os alunos para mantê-los completamente

quietos e sem interação, pelo contrário, espero que sejam participativos e curiosos por novas descobertas, aprendizados e sejam crianças e adolescentes vivendo suas idades e despertando um olhar crítico para o mundo.

Desta maneira, pretendo com a pesquisa **verificar se o desinteresse e fuga dos jovens nas aulas de Geografia são motivadas por falta de políticas públicas dentro e fora das escolas que inviabilizam práticas aprofundadas acerca da geografia escolar em seus aprendizados e a contribuição das possibilidades e impossibilidades do uso de filmes nas aulas.**

Ao perceber se os problemas externos estão intimamente ligados ao comportamento dos alunos, os objetivos da pesquisa são o de **entender se a falta de políticas públicas no entorno de suas moradias, interferem diretamente nas aulas e se o uso das imagens nas aulas podem contribuir no despertar de uma análise crítica dos alunos.**

De forma mais específica, pretendo

- a) Contextualizar as possibilidades e impossibilidades do uso de filmes nas aulas de Geografia com as políticas públicas;
- b) Realizar experimentações através de diferentes formatos de imagens na sua relação com a Geografia como suporte aos conteúdos abordados;
- c) Refletir quanto à interferência do uso do cinema nas aulas pode contribuir no interesse e aprendizado escolar;
- d) encontrar na Geografia escolar as questões e maneiras na possibilidade do uso de filmes e do não uso na tentativa de compreender de que modo a Geografia pode dar conta dessas questões.

METODOLOGIA

Da pergunta ao método: “Professora, vai ter filme hoje?”

Leciono há alguns anos e inicialmente trabalhava em escolas públicas e privada. Na escola privada, tinha apoio e recursos para montar aulas diversificadas e com muitas dinâmicas. Poucas vezes tinha tempo para passar filmes e nem era cobrada por isso pelos alunos. No entanto, nas escolas públicas em que trabalhava, não tinha muitos recursos e uma vez ou outra, conseguia passar algum filme como uma das formas de aulas diferenciadas na ilustração de alguns conteúdos.

Os anos se passaram, passei a trabalhar somente em escolas públicas e me deparei com a ausência dos recursos para diversificar as aulas, mesmo que já eram poucos, diminuíram nas escolas públicas. Apesar de ter a possibilidade de passar filmes, na época, enfrentava dificuldades no deslocamento das tvs antigas e pesadas que eram levadas de uma sala para outra e inclusive, com ressaltos e desníveis nos pisos, o que me causava stress e desmotivação.

As dificuldades me fizeram afastar o hábito dos filmes em sala de aula e somente indicar para que assistissem em casa. Com o passar dos anos e o avanço das tecnologias, as escolas públicas “meio que se prepararam” e montaram uma sala de vídeo com retroprojetor e um computador. Timidamente, voltei passar alguns filmes e curtas para os anos finais, mas somente na escola de ensino médio, porque na de ensino fundamental apesar de ter um espaço, há mais burocracias, em que o professor que passar filmes, deve levar seu computador de casa, o cabo, ou seja, mais dificuldades. Contudo, mesmo na escola de ensino fundamental, onde não utilizo filmes, escuto a pergunta o tempo todo: “Professora, vai ter filme hoje?”. Já na escola do ensino médio, escuto quase diariamente a mesma pergunta. Lembrando que:

A Geografia se relaciona com o cinema, porque ele envolve o mundo no processo de produção das suas imagens. E isso faz com que na escola o utilizemos como ilustração para temas tanto da Geografia como de outras disciplinas. De modo algum isso é incorreto, pelo contrário, nós professoras (es) sabemos que uma didática bem planejada com filmes, pode despertar muitas discussões e conhecimentos. Embora, o cinema não seja uma legenda do mundo, mas um modo de descobri-lo, como distingue Migliorin (2015), e, acrescentamos que, numa perspectiva geográfica, isso se dá quando descobrimos nele novas paisagens; espaços desconhecidos que são retratados e exibidos através das telas da escola. São estes filmes que ao mesmo tempo que permitem a imaginação, também parecem ser tratados pedagogicamente com a ideia de representar algo fielmente (FERREIRA, 2021)

O pedido acima para assistir filmes, vai além de passar um filme durante as aulas, a ideia vai além dos filmes em sala de aula, exemplifica OLIVEIRA Jr; GIRARDI (2011) “[...] em diferentes linguagens que aparecem nos materiais didáticos está ali a construir não só o conhecimento geográfico, mas também o conhecimento (e o significado social) acerca da própria linguagem [...]”. Os filmes remetem muito mais ao que está fora das escolas do que dentro delas. O contexto geográfico e social onde estão inseridos são importantes, pois as duas escolas estão situadas em periferias, embora em dois municípios diferentes. Por isso, “[...] foi feita uma cartografia amparada na filosofia da diferença [...]”; “[...] diferentes linguagens[...]”. (OLIVEIRA Jr., p.45, 2020). Portanto, o ensino médio foi escolhido para compor o como o lugar de realização dos filmes, por eu obter mais autonomia de trabalho e utilização de recursos audiovisuais com mais facilidade. Embora ainda precários. Assim, a escola de ensino fundamental será utilizada também na pesquisa como o “não lugar”, onde os alunos pedem aulas com filmes e por falta de condições, ainda não usei o auditório com filmes nas aulas de Geografia.

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p.228)

De qualquer forma, onde consigo levar filmes e onde não consigo usar, mesmo assim, nas duas escolas utilizo o recurso de imagens através de ilustrações, fotografias e desenhos prontos ou construídos por eles. Ainda que não posso usar os filmes, até na escola com um pouco de estrutura, tenho os desenhos e imagens envolvendo a geografia que conseguem despertar a participação e o interesse dos alunos. Os materiais são os mais simples, utilizo folhas de ofício, lápis de cor, canetinhas e os próprios cadernos quando acabam os meus recursos. O mais incrível nessas experiências é observar o quanto eles são solidários e generosos no compartilhamento de seus materiais com os alunos que não têm nenhum material ou esquecem de levar para as aulas. Geralmente na proposta de trabalho, a partir dos temas trabalhados, oriento para desenvolverem um desenho, gráfico, maquetes que em geral, essas atividades surtem muitos efeitos positivos. Conforme abaixo:

[...] Por isso, construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras: para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e aprimorando-nos. Afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto. Aproximamo-nos daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações [...]. (MEYER; PARAÍSO, p.16, 2012).

A proposta da metodologia da pesquisa surge do exercício profissional na prática, onde desde as indagações iniciais e a tentativa de buscar formas que pudessem alentar na continuidade e prestação do papel de professora de geografia com responsabilidade e a possibilidade de contribuição na motivação e no interesse dos alunos na percepção do que os cerca de forma crítica e questionadora dos lugares onde vivem e dos serviços que recebem. No momento que conseguirem entender o lugar reservado para eles e até onde lhes é permitido avançar, podem mudar o rumo da história e quebrar a estrutura de cerceamento imposta a eles. Na perspectiva de alternativas, segue

[...] “metodologia” é um termo tomado em nossas pesquisas de modo bem mais livre do que o sentido moderno atribuído ao termo “método”. Entendemos metodologia como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações – que, em congruência com a própria teorização, preferimos chamar de “produção” de informação – e de estratégias de descrição e análise. [...]”. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.16).

Os resultados não são imediatos, vai levar tempo para o diálogo entre a teoria e a prática ocorrer. Assim, a pesquisa propõe a perspectiva teórico-metodológica com aspecto qualitativo. Espero à medida que avançarem os estudos da pesquisa, as investigações possam trazer elementos que me ajudem compreender os objetivos desejados, frutos de angústias e pistas seguidas diariamente em todas as aulas (sejam intencionais ou não). Minha metodologia não é fechada e rija, pelo contrário, funciona como meandros em direção

a mais alcances com estratégias possíveis. Muitas vezes me distancio das indagações para melhor observar e dialogar com as dinâmicas que surgem. O uso de imagens precisa ter sentido nas aulas de Geografia para não parecer um recurso alheio e jogado. Os alunos percebem quando faz sentido a proposta de trabalho. No entanto, nem sempre ocorre com fácil percepção.

Certo dia, enquanto trabalhava imagens de relevo no 6º Ano, inicialmente pintaram os relevos e indagavam quais partes eram relevo e se eram mais baixas ou mais altas. A seguir, pedi que construíssem um recorte do relevo à mão livre para colar no caderno de forma que conseguisse ficar de pé. Dois fatos me chamaram muita atenção: o primeiro foi observar que um dos alunos mais agitados que pouco realiza as atividades, fez as duas atividades e ainda ajudou outros colegas. E o segundo foi quando uma aluna me disse que eu poderia ser a professora de artes porque ela gostava de aprender a Geografia assim. Minhas inquietações me levaram a observações que por sua vez me levaram aos questionamentos e seguir as pistas que surgem no caminho. Com isso

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p.228)

RESULTADOS

A Constituição Federal de 1988 em seus artigos 6º e 215 garantem o direito à cultura e lazer para todos. Art. 215. “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. E Art. 6º “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, (...)”. Em consonância com a Constituição, sem o lazer proporcionado pelas autoridades do poder público, os adolescentes das escolas buscam maneiras de divertimento, ainda que sejam dentro da escola apenas. Reinventam na dança, música, pintura e até em algumas localidades no cinema adaptado ao seu cotidiano. Em cada realidade local, pensar nos espaços periféricos ao longo dos anos, é pensar a possibilidade das brincadeiras nas ruas, nos quintais, campos de futebol e nas escolas. Hoje, embora ainda em alguns lugares possa haver espaço para brincadeiras, já não é como antes por conta da violência e falta de segurança que avançou nas localidades. Nas periferias há poucas alternativas de lazer, assim, as pessoas das periferias reinventaram a maneira de vivenciar o lazer de acordo com suas realidades.

Com isso, restam poucos espaços nas periferias para a socialização de forma barata ou sem pagar nada, já que a grande maioria desses jovens não possuem renda (nem deles e nem dos pais). Nesse percursos e contextos geográficos, as escolas se tornam como possibilidades de lazer e convívio social. Elas cumprem esse papel social além do

educacional. Verifico nas escolas que trabalho ou trabalhei e também nas do entorno, no decorrer dos anos um certo processo de distanciamento do lazer e convívio social nos espaços escolares. Um exemplo, é que de modo geral, os intervalos foram suprimidos e escalonados; alternância de turmas para irem aos intervalos, o que vem promovendo distanciamentos entre estes jovens. Diante disso é importante destacar: “Os lugares são lugares de encontro de diferentes pessoas, diferentes grupos, diferentes etnias. Em termos humanos, eles são o emaranhamento, a reunião de diferentes histórias, muitas delas sem qualquer ligação anterior com as outras”. (MASSEY, 2017).

Essa maneira de distanciamento entre eles, embute uma ideia de proteção “deles contra eles”. Observo nesse discurso uma prática cada vez mais comum do distanciamento e da causa ou agravamento de mais violências escolares entre eles. Pois, no instante que precisam se aproximar de um número maior de alunos de outras turmas, sempre há confusão. É difícil observar o aumento de uma comunicação entre grades e janelas, quando não pelo celular. Falta proximidade e companheirismo, sobra agressividade e distanciamento.

Voltando a seguir pistas, a falta de lazer nos bairros das escolas, principalmente a do ensino médio, talvez contribuam para a necessidade de pedirem filmes para assistir constantemente. Os únicos locais que os alunos têm de encontro além da escola, é uma praça e as igrejas.

Assim, os alunos que não frequentam nenhum desses outros lugares, só tem a escola como lugar de socialização e de pertencimento. Nela, eles se encontram para socializar muito mais que para estudar. Essa também é a função do espaço escolar e da Geografia na formação do ser humano.

Pensando nos espaços e o lugar de cada um, observo que o ambiente escolar na vida do estudante, ganha lugar que o lazer deveria ocupar e seus significados. Os locais não possuem cinemas, teatros e outros locais que jovens, adultos e até crianças e idosos necessitam para uma vida saudável. Esses jovens são atravessados por muitas questões, tais como

As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade, por exemplo) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude. (CARRANO; DAYRELL, 2014).

Com isso, penso se a necessidade de se juntar para assistir filmes, não cumpre esse papel de sociabilização nas escolas. Até porque, pedem para assistir filmes que já viram em suas casas e querem repeti-los com os colegas. Sobre isso, penso que podem assistir qualquer filme de seu celular, pois a grande maioria possui celular e internet. Seria então uma fuga da sala de aula? Fuga do formato engessado do uso do quadro, conversa,

exercícios, debates?

O lugar mais fácil para essa fuga é a sala de vídeo. Mesmo que em sua maioria, não tenham interesse em assistir os filmes. Muda o cenário, muda o lugar. Mas, penso que esse recurso acaba sendo repetitivo e cansativo. Ouso imaginar se muitas vezes, o espaço escolar não é um espaço que oprime. Entendo os problemas indisciplinados entre os alunos que aumentam a cada ano. Mas, como uma professora de Geografia usando o olhar geográfico, vejo isso o tempo todo. Portanto, acredito que esse modelo precisa ser repensado. As correlações de forças estão presentes no modelo escolar e na estrutura curricular. Dessa maneira

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teóricometodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo. (CALLAI, 2005, p.231)

Porém, quem convive no espaço escolar percebe outras demandas para além de projetos bimestrais que até podem integrar as turmas nas escolas, mas no cotidiano escolar a integração é fraca e pouco valorizada. O que pode prejudicar no crescimento e convívio social de jovens dentro e fora do ambiente escolar. A construção do currículo é diária e nem sempre igual de uma turma para outra, é construído com a realidade da turma. Sobre isso, OLIVEIRA Jr; GIRARDI (2011) fazem a pergunta aos professores de Geografia: [...] Quais as pressões entre eles teriam de se desfazerem de um saber no momento de proporem estratégias educativas? Disseram que inicialmente as respostas se basearam nas pressões curriculares e das instituições e depois “o desejo de motivar os alunos por meio de uma linguagem mais próxima a eles”. Porém, ao longo das questões perceberam que não era tão simples o quanto pensavam e que o formato em que o cinema ocorre nas escolas, não deveria ser como uma “obra da cultura”.

Como demonstra OLIVEIRA Jr (2020) [...] “linguagem é, antes de tudo, expressão e criação, tanto dela mesma quanto daquilo que ela toca – os conteúdos escolares, por exemplo”. Assim, OLIVEIRA Jr. (2020) destaca

“Mesmo a comunicação e a transmissão realizadas através dela são atravessadas pela necessidade de “criar linguagem” para que um dado conteúdo – do mundo de “fora” ou de “dentro” de nós – possa (no sentido de ter potência de) ser expresso e comunicado”.

Não à toa o cinema é a sétima arte que tem o desafio de contribuir nos espaços escolares como uma das formas mais acessíveis e populares de recursos. No entanto, “[...] foi feito um recorte analítico para a linguagem do cinema [...]”. Oliveira Jr. (2020). Um pouco de arte no mundo, encanta! A arte possui a capacidade de transformar pessoas e suas vidas. A arte como cultura é importantíssima na vida das pessoas. Justamente

por isso, ao longo dos anos foi sendo desmontada, desfavorecida e desmotivada, com o propósito de desarticulação política. Oliveira Jr. Girardi (2011, p.4) destaca que “Abordar as diferentes linguagens é entendê-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço”.

O cinema nas escolas precisa ser visto fora dos moldes das salas de cinemas tradicionais. Mas, afinal, o que é o cinema nessa ótica escolar? As posturas são outras, o ambiente é outro e as experiências vão além de um apoio ou ilustração de temas. Cada movimento dos jovens, conversas e olhares (até quando não prestam atenção no que está sendo passado) é único nos cinemas escolares e ainda mais provocativo nas aulas de Geografia, quando mesmo sem querer, observam e comentam elementos e fatos das aulas de Geografia com alguns referenciais geográfico. Tal como mostra o trecho

Ao trazer para as discussões geográficas estas reflexões, podemos pensar que o lugar que dá origem à imagem cinematográfica pode ser entendido também como um espaço conjunto formado por múltiplas trajetórias em aberto, em movimento como conceitua Massey (2009). Assim, não é possível apreender a dinâmica do espaço em mapas ou imagens representativas, mas sim, é necessário considerar sua conjuntura transitória, suas possibilidades a partir das multiplicidades existentes, considerando o tempo articulado ao espaço. (FERREIRA, 2021)

Sendo o cinema tradicional um meio de entretenimento, arte, cultura e lazer, já não mais existem nas proximidades das escolas. Bem próximo, existiam cinemas muito frequentados pela população. Isso no período entre 1950 e 1970. Portanto, com o desmonte dos cinemas de ruas, esses foram fechados e transformados em supermercados e igrejas e nada de entretenimento cultural foi colocado como substituição. Todavia, para um grupo de profissionais, é importante utilizar o cinema nas escolas e nas aulas de Geografia, não como moldes tradicionais em substituição aos cinemas. Talvez seja assim que os alunos que conseguem ir aos cinemas e os que não conseguem ou nunca foram, pensam que deve ser o cinema na escola. Porém, há grupos de profissionais que também defendem essa ótica. Contudo, Oliveira Jr; Girardi (2011), debatem sobre isso

[...] não mais é o ensino-aprendizagem escolar que está sendo discutido com maior potência, mas a dimensão pedagógica/educativa de toda e qualquer obra da cultura na qual se apontam elementos que participam da criação/produção daquilo que genericamente podemos chamar de realidade geográfica [...]

Assim, fiz algumas reflexões acerca do uso de filmes nas aulas de Geografia e do comportamento dos alunos sobre a questão. Intensificando ainda mais o uso dos filmes, percebia diferenças nas respostas e nos comportamentos dos alunos. Certo dia, não havia preparado passar filmes, porém, em uma daquelas aulas pós feriados em que a maioria dos alunos decide não retornar por conta própria, tive que ceder aos pedidos de assistir a um filme, até porque juntando toda a escola não dava uma turma fechada. O filme foi

sugerido por eles mesmos e em conjunto com outros professores, iniciamos a exibição. Não passaram cinco minutos para eu observar um movimento de celulares acesos em meio ao escuro da sala. Ali, sem comentar nada com os colegas, pensava o que faz pedirem para assistir filmes e cada um ficar absorto em seus aparelhos. Verdade, não conseguia entender o sentido daquela ação.

Com os atos desse dia em mente, decidi em alguns outros momentos reparar se sempre se comportavam assim ou se foi apenas naquele dia. Já que fiquei muito tempo afastada das telas com eles e as gerações mudaram seus comportamentos ao longo dos anos. Daí, vi algo similar em alguns momentos e em outros não. Reparava se isso era mais constante quando eles indicavam os filmes, ou quando eu indicava. Reparei que esse movimento e ações eram quase empatados.

Sem querer ou perceber, tinha iniciado um estudo que me instigava e me fazia seguir e lançar mais pistas a serem seguidas. Quando olhei para trás, já estava longe! Poderia ter esquecido tudo e retornado ao ponto de partida, mas ainda não tinha nenhuma resposta para as minhas indagações iniciais como professora-pesquisadora e decidi continuar. Temos habilidades, “[...] habilidades como professores de Geografia é de mostrar a irrelevância dessas imaginações e submetê-las a interrogatório”. Sobretudo, o continuar na pesquisa mostra que “Uma das temáticas mais importantes do ensino de Geografia é aquela que explora a questão do “desenvolvimento”, isto é, se o foco é sobre as desigualdades [...]”. MASSEY (2017).

Então, algumas práticas foram utilizadas por mim: dentre elas, passava filmes e pedia um trabalho (mesmo assim, nem todos assistiam), em outros momentos não pedia trabalhos e as reações eram as mesmas. Até que certo dia, com uma turma, passei filme histórico “Dans, um grito de justiça” e pedi para observarem os cenários das cidades, com o mesmo filme pedi para outra turma observar as vestimentas, fome e etc. E obtive respostas satisfatórias na grande maioria. Esse filme, acabei passando para mais turmas e com algumas questões que pedi para responderem e um debate posterior, percebi que muitos assistiram e prestaram atenção e outros nem sabiam iniciar as respostas.

Contudo, retirei do armário um filme que não passava há anos: “Tempos Modernos” de Chaplin. Fiz a experiência de contar para todas as turmas o que era um cinema mudo, preto e branco e pedi para que observassem os detalhes. Propositamente, escolhi uma turma de segundo ano e expliquei a estética diferente da que estão acostumados, para que não cobrassem tanto da dinâmica do filme comparada aos atuais. Já para as demais turmas, não fiz esse esclarecimento. Curiosamente, a turma que expliquei os detalhes, prestou mais atenção, mesmo sem pedir nenhum trabalho posterior.

Já as turmas que não fiz o alerta, muitos estavam nos celulares e entediados, esperavam prontamente pelo fim do filme, mesmo sabendo que pediria um trabalho posterior. Ouvi até uma aluna dizer que estava enlouquecendo pela música de animação do filme! De todas as maneiras e observações, fiquei com “nó na cabeça” e não cheguei à

conclusão alguma, ainda! Mas, de fato, acredito que mais importante que ter conclusões, é continuar no processo de construção do trabalho e seguir as pistas que poderão ou não elucidar minhas indagações iniciais e que ampliaram ainda mais. Não desejava taxá-los como desinteressados e encerrar o assunto. Tal como os autores indicam: “Enxergar o jovem pela ótica dos problemas é reduzir a complexidade desse momento da vida. É preciso cuidar para não transformar a juventude em idade problemática, confundindo-a com as dificuldades que possam afligi-la”. CARRANO; DAYRELL (2014, p. 107)

Nas aulas de Geografia, alguns recursos são fundamentais, como filmes, peças teatrais, músicas, aulas de campo dentre outras formas. No entanto, os mais comuns dos recursos que utilizo são as exibições de filmes e os desenhos. Como: “A escolha de uma linguagem para dizer alguma coisa, para criar alguma coisa é já uma escolha que definirá o conteúdo que será dito”. Oliveira Jr.; Girardi (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolhas e direcionamentos do trabalho foram se entrelaçando dia-a-dia. Olhar para os alunos com suas distrações, desinteresses e ouvir seus anseios me fez refletir e alinhar o que estava e está sendo posto na produção do trabalho. O que está sendo produzido hoje, é fruto de anos de trabalho somados aos cuidados de entender os desafios ao longo dos anos de trabalho em sala de aula em busca de recursos e apoios complementares, ilustrativos, etc. Contudo, o que está à mão e ao alcance nas escolas, mesmo com toda precariedade que será esmiuçado mais adiante é a escolha da exibição de filmes e a produção de desenhos. Porém, antes de tudo, trazer o uso do cinema nas aulas de Geografia como experiência de recurso sem ser ilustração, é um desafio porque é muito mais fácil para mim usar o recurso visual em apoio ao que está sendo dito nas aulas do que pensar em outros sentidos de uso. Pensar como ilustração é mais fácil porque a ilustração está dada e pronta. Mas, encaixar o recurso em dinâmicas diferenciadas, experimentadas requer tempo, dedicação, condições materiais e físicas para seu desenvolvimento.

Desse modo, sinto dificuldades em encontrar filmes que podem ser utilizados em conteúdos bimestrais. Assim, diante dos assuntos, busco o filme e depois tento encaixar nos assuntos, já em outros momentos, a partir dos assuntos encontrar os filmes. As duas maneiras, no entanto, me mostram que para muitos conteúdos não há filmes ou que ao menos pudessem ser utilizados em sala, devido ao conteúdo se perder ao longo dos filmes. Ou talvez, o desafio seja associar qualquer assunto em filmes que aparentemente não são abordados. Como por exemplo, o cinema antirracista, provocado a partir de variadas obras em consonância com a necessidade da implementação da Lei Federal 10.639/2003 e o ensino sobre História e cultura Afro-brasileira. Sinto dificuldades também em inserir a cultura Afro-brasileira por conta da forte presença das igrejas neopentecostais em que muitos alunos fazem parte e se recusam experimentar novas culturas e tradições. Mas, isso

não me paralisa, “vou encontrando brechas” e aos poucos introduzindo essas questões sem ferir suas crenças e desrespeitá-las.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 jun. 2023.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf> (Acesso em: 17 jun. 2023).

CARRANO, Carla Linhares Maia.; DRVRELL, Paulo Juarez.. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo, Seção 2 Juventude e Escola – Juventude e Ensino Médio: Quem é este aluno que chega à Escola**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FERREIRA, Débora Scharodosin. **O Cinema com a Geografia na escola: Cine Geo Grafar: In: Movimentos para ensinar Geografia – revoluções**. CASTROGIOVANNI, Antonio; et al. (Orgs.). Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2021. P. 59-76.

MASSEY, Doreen. **A mente geográfica**. GEOgraphia, Niterói, v. 19, n. 40, 2017.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. **Diferentes linguagens no ensino de Geografia**. In: XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2011. Goiânia. Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. Goiânia, 2011, p. 1-9.

OLIVEIRA, Jr.; GIRARDI, G. . **O cinema como diferença na linguagem do Ensino de Geografia: uma cartografia provisória**. Campinas: Revista brasileira de educação em Geografia, v. 10, n. 19. p. 45-66, jan./jun., 2020.

PARÁISO ; MEYER. **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, cap. 4, 2012.